A. W. PINK

A VONTADE DE DEUS



A Vontade de Deus

A. W. Pink

Traduzido do original em Inglês

The Sovereignty of God: Appendix I - The Will of God

By A. W. Pink

Via: EternalLifeMinistries.org

Tradução por Timóteo Werner

Revisão e Capa por William Teixeira

1ª Edição: Maio de 2016

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do Ministério *Eternal Life Ministries* (EternalLifeMinistries.org) sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

A Vontade de Deus

Por Arthur W. Pink

[Livro “A Soberania de Deus” • Apêndice I]

Concernente à Vontade de Deus, alguns teólogos têm diferenciado entre Sua vontade decretiva e Sua vontade permissiva, insistindo que há certas coisas que Deus diretamente pré-ordenou, mas há outras coisas que Ele meramente tolera existir ou acontecer. Mas tal distinção não faz distinção nenhuma, na medida em que Deus somente permite o que está de acordo com a Sua vontade. Toda essa distinção não teria sido inventada, se esses teólogos não tivessem concebido que Deus pode ter decretado a existência e atividades do pecado sem que Ele fosse o autor do pecado. Pessoalmente, nós preferimos adotar a distinção feita pelos antigos Calvinistas entre a vontade secreta e vontade revelada de Deus, ou, para expressar de uma outra forma, Sua vontade ordenada e Sua vontade preceptiva.

A vontade revelada de Deus se faz conhecida em Sua Palavra, mas a Sua vontade secreta é encoberta em Seus próprios conselhos. A vontade revelada de Deus é a definição de nossos deveres e o padrão da nossa responsabilidade. A razão primária e básica do porquê eu deveria seguir um certo curso ou fazer certa coisa é porque Ele é o Deus de tudo o que eu tenho e a Sua vontade é claramente definida para mim em Sua Palavra. O fato de que eu não devo seguir um certo curso, de eu dever abster-me de fazer certas coisas, é porque elas são contrárias à vontade revelada de Deus. Mas, suponha que eu desobedeço a Palavra de Deus. Então, eu não estou contrariando a Sua vontade? E se assim for, como pode ainda ser verdade que a vontade de Deus é sempre feita e Seu conselho é cumprido em todo tempo? Tais questões evidenciam a necessidade de defender esta distinção aqui citada. A vontade revelada de Deus é frequentemente quebrada, mas Sua vontade secreta nunca é frustrada. É legitimo para nós fazermos tal distinção concernente à vontade de Deus, a qual é clara nas Escrituras. Tome essas duas passagens: “Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1 Tessalonicenses 4:3); “Porquanto, quem tem resistido à sua vontade?” (Romanos 9:19). Algum leitor reflexivo declararia que a “vontade” de Deus **tem precisamente o mesmo significado em ambas as passagens? Nós certamente esperamos que não. A primeira passagem refere-se à vontade revelada de Deus, esta última, à Sua vontade secreta. A primeira passagem refere-se a nosso dever e a última declara que o propósito secreto de Deus é imutável e certamente acontecerá, não obstante**

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/ArthurWalkingtonPink

à insubordinação das criaturas. A vontade revelada de Deus nunca é perfeitamente ou completamente cumprida por qualquer um de nós, mas Sua vontade secreta nunca falha em realizar-se, mesmo até as particularmente minuciosas. Sua vontade secreta vai incidir essencialmente em eventos futuros; Sua vontade revelada, em nosso dever presente. Uma tem a ver com o seu propósito irresistível, a outra com a manifestação do que Lhe agrada. Uma está acima de nós e realiza-se através de nós, a outra é para ser feita por nós.

A vontade secreta de Deus é o Seu eterno e imutável propósito concernente a todas as coisas que Ele fez. Para alguns fins designados, Ele conduz certos meios e, assim, Deus declara expressamente: "O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade" (Isaías **46:10). Esta é a absoluta e eficaz vontade de Deus. Sempre efetuada, sempre realizada. A vontade revelada de Deus não contém o Seu propósito e decreto, mas nosso dever — não o que Ele vai fazer de acordo com Seu eterno conselho, mas o que devemos fazer se quisermos agradar a Deus, e isso é expresso nos preceitos e promessas de Sua Palavra. Tudo o que Deus determinou em Si mesmo, o que faz em Si mesmo, o que faz pelos outros ou se tolera ser feito, embora seja em seu próprio peito, não é feito conhecido por algum evento de providência, ou por preceito, ou por profecia — é a Sua vontade secreta. Essas são as coisas profundas de Deus, os pensamentos do Seu coração, os conselhos de Sua mente, que são impenetráveis a todas as criaturas. Mas quando estas são feitas conhecidas, elas se tornam Sua vontade revelada. Tal é quase todo o livro do Apocalipse,** em que Deus nos deu a conhecer "coisas que brevemente devem acontecer" (Apocalipse **1:1** — "devem" porque Ele eternamente propôs qu**e deveriam).**

Tem sido objetado pelos teólogos Arminianos, que a divisão entre a vontade secreta e revelada de Deus é insustentável, porque faz com que Deus tenha duas vontades diferentes, uma oposta à outra. Mas isso é um erro, devido à sua incapacidade de ver que a vontade secreta e revelada de Deus considera objetos inteiramente diferentes. Se Deus requeresse e proibisse a mesma coisa ou se Ele decretasse que a mesma coisa deve e não deve existir, então Sua vontade secreta e revelada seriam contraditórias e sem propósito. Se aqueles que se opõem à vontade secreta e revelada de Deus como sendo inconsistentes, fizessem a mesma distinção neste caso, assim como eles fazem em muitos outros casos, a aparente inconsistência imediatamente desapareceria. Muito frequentemente os homens traçam uma distinção nítida entre o que é desejável em seus cuidados e o que não é desejável, considerando todas as coisas. Por exemplo, o pai afetuoso não deseja simplesmente considerar punir a ofensa de seu filho, mas, levando em conta todas as coisas, ele sabe que é seu dever necessário, e assim, corrige seu filho. E, embora ele diga a seu filho que ele não deseja castigá-lo, mas que isto seja o melhor a se

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/ArthurWalkingtonPink

fazer e se satisfaz com esta sua decisão, considerando todas as coisas, uma criança inteligente verá que não há inconsistência entre o que seu pai diz e o que faz. Assim, o Criador Todo-sábio pode consistentemente decretar que aconteçam coisas que Ele odeia, proíbe e condena. Deus escolhe que algumas coisas que Ele odeia completamente (na sua natureza intrínseca) existam, e Ele também escolhe que algumas coisas ainda não existam, a qual Ele ama perfeitamente (em sua natureza intrínseca). Por exemplo: Ele ordenou que o Faraó deveria deixar o Seu povo ir, porque isso era justo na natureza das coisas. Todavia, Ele secretamente havia declarado que Faraó não deixaria o Seu povo ir, não porque era justo Faraó se recusar, mas porque que era o melhor, considerando todas as coisas, que ele não os deixasse ir — ou seja, melhor porque serviu para um propósito maior de Deus.

Outrossim, Deus nos ordena a ser perfeitamente santos nesta vida (Mateus 5:48), porque isto é justo na natureza das coisas, mas Ele decretou que nenhum homem seria perfeitamente santo nesta vida, porque, considerando todas as coisas, é o melhor que ninguém seja perfeitamente santo (experimentalmente) antes de deixar este mundo. Santidade é uma coisa; o acontecimento da santidade é outro. Assim, o pecado é uma coisa; o acontecimento do pecado é outra. Quando Deus requer santidade Sua vontade preceptiva ou revelada considera a natureza ou a excelência moral da santidade, 'mas **quando Ele decreta que a santidade não ocorra (completa e perfeitamente), Sua vontade secreta ou decretiva considera somente o evento de ela não ocorrer. Então, mais uma vez, quando Ele proíbe o pecado, Sua vontade preceptiva ou revelada considera somente a natureza ou a moral do mau contido no pecado, mas quando Ele decreta que o pecado ocorrerá, Sua vontade secreta considera somente sua real ocorrência para servir ao Seu bom propósito. Assim, a vontade secreta e revelada de Deus considera objetos inteiramente diferentes.**

A vontade decretiva de Deus não é a mesma vontade no mesmo sentido da Sua vontade em Seus comandos. Portanto, não há dificuldade em supor que uma possa ser contrária à outra. Sua vontade, em ambos os sentidos, é Sua inclinação. Tudo que concerne a Sua vontade revelada está perfeitamente de acordo com Sua natureza, como quando Ele ordena amor, obediência e serviço de Suas criaturas. Mas no que concerne à Sua vontade secreta tem em vista Seu fim supremo, pelo o qual todas as coisas estão agora funcionando. Assim, Ele decretou a entrada do pecado no Seu universo, embora Sua própria natureza santa odeie todo pecado com infinita repulsa. E ainda, para que seja um dos meios pelos quais Seu fim designado será alcançado, Ele permitiu sua entrada. A vontade revelada de Deus é a medida de nossa responsabilidade e o determinante de nosso dever. Com relação ao segredo de Deus, nós não temos nada o que fazer: isso está

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

no Seu interesse. Mas, Deus sabendo que deixaríamos de cumprir perfeitamente Sua vontade revelada, ordenou Seus eternos conselhos em conformidade com isto, e estes eternos conselhos, que compõem a Sua vontade secreta, embora desconhecidos para nós, embora inconscientemente, são cumpridos por e através de nós.

Mesmo que o leitor esteja preparado ou não para aceitar a distinção acima sobre vontade de Deus, ele deve reconhecer que os mandamentos das Escrituras declaram a vontade revelada de Deus e ele também deve assimilar que, às vezes, Deus não impede a violação desses comandos, porque Ele não determinou como um fato impedi-lo. A vontade de Deus em permitir o pecado é evidente, pois Ele o permite. Mas certamente, ninguém dirá que o próprio Deus faz o que Ele não tem vontade de fazer.

Finalmente, deixe-me dizer novamente que, minha responsabilidade em relação à vontade de Deus é medida por aquilo que Ele fez conhecido na Sua Palavra. Lá eu aprendi que é meu dever usar os meios de Sua providência e a orar com humildade para que Ele possa Se agradar em me abençoar concedendo-os. Recusar assim fazer sobre o fundamento de que eu sou ignorante do que pode ou não ser os Seus conselhos secretos concernentes a mim, não é apenas um absurdo, mas assume a altura da presunção. Nós repetimos: a vontade secreta de Deus não é da nossa conta. É em relação à Sua vontade revelada que reside nossa responsabilidade. Que não há conflito entre o que é a vontade secreta e a vontade revelada de Deus, fica claro a partir do fato de que, a primeira é realizada pelo meu uso dos meios prescritos na segunda.

ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO use estas palavras para trazer muitos
Ao conhecimento salvador de JESUS CRISTO.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no T empo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbítrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone

2 Coríntios 4

1 Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
2 Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. 3 Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. 4 Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. 5 Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. 6 Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. 7 Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.
8 Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados.
9 Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; 10 Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; 11 E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. 12 De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. 13 E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. 14 Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. 15 Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. 16 Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. 17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; 18 Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.